

# MANIFESTO POÉTICO PELA EDUCAÇÃO E ARTE: EDUCAÇÃO TERRANA

Rosana SILVA

*Graduada em Ciências Sociais e Mestre em Sociologia pela UNESP- Araraquara  
Professora do Município de Araraquara  
Pesquisadora da Fundação Araporã  
e-mail: historiasdaro@gmail.com*

**Resumo:** Este é um artigo manifesto sobre arte-educação na perspectiva da Educação Terrana. É uma proposta de orientação teórico-metodológica criada por mim a partir de estudos realizados ao longo de 25 anos de prática docente. Trata-se de um texto manifesto em que proponho, com liberdade poética, ideias para que possamos, como nos ensina Ailton Krenak, Adiar o Fim do Mundo. Escrevo sobre meio ambiente, espiritualidades tradicionais, poesia, educação ambiental e artes cênicas. São indicativos para educadores atuarem com intenção de transformação de mentalidades e realidades forjadas no Antropoceno, para que possamos criar espaços/mentes ancoradas em saberes ancestrais redirecionando caminhos para que seja possível a concretude do Bem Viver.

**Palavras-Chave:** Educação Terrana; Poesia; Bem viver.

**Abstract:** This is a manifesto article on art education from the perspective of Terran Education. It is a proposal of theoretical-methodological orientation proposal created by me based on studies conducted over 25 years of teaching practice. It is a manifesto text in which I propose, with poetic freedom, ideas so that, as Ailton Krenak teaches us, we can postpone the end of the world. I write about the environment, traditional spiritualities, poetry, environmental education, and performing arts. These are guidelines for educators to act with the intention of transforming mentalities and realities forged in the Anthropocene, so that we can create spaces/minds anchored in ancestral knowledge, redirecting paths so that the realization of Good Living becomes possible.

**Keywords:** Terran Education; Poetry; Good Living.

## Introdução

Dia e noite  
Respiro  
Floresço o olhar  
Madrugada, em sonho  
Vejo longe  
Muito além de mim,  
Feliz em soltar o peso da ilusão de ser eu  
Dia e noite  
Respiro  
E vivo a natureza  
Que sou  
Sou Terrana para ser livre

para fluir o amor e sonho  
O tempo de ser gente sendo árvore me toma  
Sendo árvore, bicho e pedra  
Posso ser poesia em estado selvagem  
Olho o abismo como quem vê a possibilidade de voar  
E perante o horror  
Decido pela beleza  
Sou terrana para aprender a forma e o infinito.  
Respiro e agradeço  
Para ver além daqui e me sentir filha de Gaia.  
Sentir assim a imensidão da vida  
Essa sim  
Senhora de mim  
Ensaio para ser luz.

Expresso minha humanidade ao tentar me unir subjetivamente a toda vida, expandindo meus horizontes cognitivos encontro o planeta Terra no centro das minhas significâncias. Vejo também a Via-Láctea no centro das minhas significâncias poéticas e o Sistema solar guiando meus desejos de ser gente de Gaia. Os elementos da natureza me guiam na busca de entender melhor as delicadezas ou terremotos da vida. E se a vida é e está acontecendo, como diz uma querida professora e amiga, não podemos perder essa encarnação. Cristina Camargo (1962- ), terapeuta e minha professora de *Thetahealing*<sup>1</sup>, me trouxe grande despertar de beleza e ação, me ensinando o tempo de sonhar acordada com a frequência mental *Theta*, com a Antropóloga Sivia Maria Schmuziger de Carvalho sobre as *Trocas Negativas*<sup>2</sup> permanecendo atenta nas relações que estabelecemos com a vida, com Ailton Krenak (1953- ), importante ambientalista e filósofo brasileiro, me ensina a pisar com suavidade na terra. Que bom poder expandir horizontes nos encontros nossos de cada dia.

Que este manifesto possa te trazer beleza e despertar os sentidos para a capacidade infinita que nós, moradores e filhos de Gaia, temos de criar beleza. É tempo de reconhecer a beleza inteligente e viva de todos os seres que estão aqui. De tantos seres que foram mortos e de tantos outros seres que ainda estão aqui dedicados a viver seu ciclo de aprendizado. Uma pergunta que sempre norteou meus pensamentos foi como educar um ser humano que observa a vida com as lentes da perspectiva de Gaia, conectado ao coração de Gaia e da sabedoria da espiritualidade. Espiritualidade aqui não como religiosidade, mas sim como uma habilidade de conexão com algo que é maior que o indivíduo e supera o coletivo. Espiritualidade como capacidade de criatividade, envolvida sim por uma dimensão de sagrado. Espiritualidade como criação sagrada de belezas e alegrias. Por

---

<sup>1</sup> *ThetaHealing* é uma técnica de terapia energética e meditação, criada por Vianna Stibal. Esta técnica tem por objetivo "identificar e alterar crenças limitantes, sentimentos e padrões de comportamento negativos, substituindo-os por positivos através da conexão com uma energia criadora."

<sup>2</sup> Antropóloga livre-docente fundadora do CEIMAM- Centro de Estudos Indígenas da Unesp e da Fundação Araporã com um trabalho vasto e de excelência.

mais que procure por equações complexas e verdades revolucionárias chego ao simples. Me deparo com a simplicidade da criação da beleza e da alegria de viver o encanto que este planeta nos oferece. As respostas sempre soam como música, metáforas e poesias: o encantamento do silêncio, do mistério, do que também não consigo explicar e traduzir em palavras, mas que desperta a vontade de gostar e cuidar das belezas que existem e compõem a vida. Há beleza em tudo isso, como diz o músico, poeta, compositor, artista visual e escritor brasileiro, Arnaldo Antunes no álbum *Pequeno Cidadão* de 2009. Há beleza em viver e deixar viver. Há beleza em simplesmente observar, interagir e sentir que todos podem compartilhar bonitezas.

Entre o horror de me saber humana, a atuação como Educadora e a maternidade ressignifiquei minha própria identidade para conseguir vencer desafios existenciais. Por amor à humanidade ressignifiquei quem sou e quem somos para ser educadora e viver a Educação como prática do Bem Viver. O projeto *Educação Terrana: poéticas para ser arte* é uma proposta de orientação metodológica para expandir subjetividades e assim vivermos a partir do paradigma de Gaia. Essas ideias e sentimentos surgem durante todo meu percurso de autoconhecimento e contato direto com a prática educativa de ensino aprendizagem em diferentes espaços institucionais e no contexto familiar com a educação de meus filhos.

Converso aqui com muitas pessoas. Pessoas de todos os reinos da natureza, ouço variadas e diversas narrativas para compor em sintonia com o movimento que Gaia faz em torno do Sol. Aqui no meu jardim, como canta o músico e compositor brasileiro Dércio Marques (1947-2012) no álbum *Segredos Vegetais* de 1993, as flores falam e sabem ler, sabem escrever a dor e calam. Converso com o silêncio também. Escuto em estado de entrega sobre Bernardo, agradecendo ao amado poeta brasileiro Manoel de Barros (1916-2014) por me falar sobre a primeira pessoa que conseguiu se transformar em árvore. Estudo há anos para ser aroeira e assim quem sabe aprender também a ser beija-flor. Expandir horizontes é a meta de cada amanhecer. Fazer criança aprender com manacás-da-serra, vagalumes, joaninhas, oitis e águas move meus pés com alegria até a escola em que trabalho<sup>3</sup> e com determinação quando estou exausta. Educar para a poesia da vida é tão necessário quanto alfabetizar. Reaprender a ser natureza pode nos salvar de nós mesmos.

Aqui não proponho uma sistemática análise de todas as teorias filosóficas e científicas que mencionarei no texto, este não é um trabalho com os rigores da academia. É um manifesto e uma conversa orientada pela poesia. Uma conversa orientada pela poesia pode nos aproximar da espiritualidade laica e livre; nos sintonizar com o canto e as cantigas, com as histórias e as narrativas que podem dar sentido à vida. Em tempos de tantos fins de mundo, medos e falta de perspectiva de futuro acredito que a arte pode nos conectar com a vida em sua potência criativa. A poesia pode nos sintonizar com a beleza que ainda pulsa no planeta. E sim, ainda há muito para cuidar e muito para reflorestar. Como

---

<sup>3</sup> Atuo na Educação Integral na Escola Municipal de Ensino Fundamental - EMEF CAIC Ricardo Caramuru de Castro Monteiro, localizada na cidade de Araraquara/SP – Bairro Vale do Sol.

nos ensina o movimento de mulheres indígenas *Reflorestando Mentas para a Cura da Terra!*<sup>4</sup> Que possamos nos tornar plantadores de árvores, mentes e corações.

Conversamos aqui sobre a hipótese de Gaia<sup>5</sup> de James Lovelock e Lynn Margulis (1979) de que o planeta Terra é um superorganismo vivo e que se autorregula, a vida regula a vida e a ação humana antropocêntrica ocidental capitalista provoca destruição e desequilíbrio. Nesse sentido organizo meus pensamentos e sentimentos para responder como a Educação pode expandir subjetividades e educar pessoas natureza. Entendo pessoas natureza como sendo pessoas formadas com uma mentalidade em que natureza e cultura não estão separadas. Como podemos contribuir para que o céu não caia, como nos ensinam o xamã e líder Yanomami Davi Kopenawa e Bruce Albert (2015), na obra *A queda do Céu: palavras de um xamã yanomami*. Como nós Educadores e não Xamãs podemos contribuir para sustentar a energia de equilíbrio do planeta cuidando para que as florestas permaneçam em pé.

Todos os dias, em contato com crianças e adolescentes, me pergunto como posso atuar enquanto educadora para que a conexão com a natureza do ser de cada um se faça sentida e pensada e a compreensão da interdependência dos seres seja uma realidade na percepção da existência. E o mais importante, como criar situações em que essas pessoas sintam amor pela vida e reconheçam que todos os seres devem viver e prosperar não porque nos servem de algum modo, mas porque eles simplesmente existem? Dedico uma atenção constante em também criar situações em que possamos juntos cantar para a vida e nos sintonizarmos com a dimensão poética da própria existência vivida em um planeta extremamente inteligente que gira em torno de si mesmo e ao redor do Sol, um planeta belíssimo que tem seu movimento equilibrado por causa da Lua e a sua atuação sobre as águas.

A Educação Terrana é uma orientação para o despertar dos Regenerantes de Gaia esses seres imprescindíveis que apreciam a beleza da vida, interagem com os ecossistemas da Terra, sabem da importância e da maravilha que é a diversidade de todos os seres, honram a vida cantando e dançando para que o céu não caia, que contribuem para o tempo de descanso de Gaia e são pessoas com mentalidade sustentável, agroecológica, selvagem e crítica.

Converso com o pensamento da Ecologia Profunda do filósofo Norueguês Arne Naess (1912-2009), o termo surgiu em 1972 na ocasião da publicação do artigo *The shallow and the deep, long range ecology movement. A summary*, quando ele diz que a vida natural deve ser preservada pela própria existência dela, não por causa dos seres humanos. Concordo com ele. Compreendo que Gaia é um superorganismo vivo que, ao longo de milhares de anos, criou condições propícias para que a vida na biosfera pudesse existir

---

<sup>4</sup> Marcha que acontece anualmente em Brasília, organizada pela Anmiga, e estará em sua edição de número V no ano de 2026.

<sup>5</sup> Segundo Fabio Scarano, no livro *Regenerantes de Gaia* (2019, p. 12). "A regeneração de Gaia – o planeta Terra- envolve cicatrizar a fratura que existe entre as diferentes formas de interpretar a realidade". Então, eu como professora proponho a Educação Terrana como uma das ferramentas possíveis para curar essa fratura e despertar os seres regenerantes.

e se reproduzir, também que toda forma de vida importa por ela mesma e não porque possa nos servir como mercadoria ou recurso natural.

Leio com total atenção e escuto as ideias de Ailton Krenak de que a vida não é útil, do Líder Indígena e Xamã Yanomami David Kopenawa sobre o povo da mercadoria e sobre os Xapiri, das falas do pajé Benki Ashaninka (1974- ), a poesia de Manoel de Barros, a música de Dércio Marques, a arte-educação de Doroty Marques (1946- ) na Vila de São Jorge, os estudos do escritor Daniel Munduruku (1964- ), da escritora Márcia Kambeba (1979- ), da escritora Eliane Potiguara (1950- ), observo e sigo as ações de liderança indígena Sonia Guajajara (1974- ), atual ministra dos povos indígenas no Brasil, e Joenia Wapixana (1973- ), primeira presidente indígena da Fundação Nacional do Índio (FUNAI), que por meio da medida provisória nº1154, de 1º de janeiro de 2023 passou a ser reconhecida como Fundação Nacional dos Povos Indígenas. Escutando e lendo tanta gente, que é referência no cuidado e na lida com a vida, me sinto muito bem orientada para seguir em meu ofício.

*A Educação Terrana: poéticas para ser arte fala; aqui escrevo e falo.* Tente escutar a minha voz, preciso que você ouça com atenção quando estiver lendo, sobre perspectivas estéticas e políticas com o objetivo de desconstruirmos o antropocentrismo que diz que o ser humano do gênero masculino, branco, europeu ou norte americano, capitalista e cristão deve ser a medida de todas as coisas. Quero dizer com isso que precisamos avançar mais nas questões referentes aos seres humanos, sociedade e natureza. O humanismo filosófico europeu avançou na crítica aos modelos teocráticos de explicação do mundo, e isso foi muito importante, tendo em vista as relações de poder e opressão estruturadas pela igreja, contudo a racionalidade humanista buscava a separação do homem da natureza, permitindo que os humanos pudessem transformar a natureza em algo a ser dominado, domesticado e transformado; impondo essas ideias a força dos exércitos para os quatro cantos do planeta.

É interessante notar como a ideia de que a humanidade pode ser a medida de todas as coisas e das significações para o mundo, se acaso sugerisse que tudo pode ser gente, no sentido de que tudo tem vida, alma ou psique, história e produz conhecimento seria algo revolucionário e sustentaria também as ações dos defensores de Pachamama, de Gaia, da mãe natureza ou do Planeta Terra. Essa nova possibilidade conceitual comporia um novo cenário, reorientado pela perspectiva de humanidade que reconhece o conhecimento vivido e criado por todos os seres que compõem o reino animal, vegetal, mineral, a atmosfera terrestre e todo o campo significativo das águas que compõem o Sistema Integrado de Gaia tem dimensão Estética, Lírica e Poética. Seria a realização da Utopia de libertar os rios. Contudo não é isso o que ocorre. O antropocentrismo, na perspectiva ocidental, coloca a cultura ocidental como medida de todas as coisas. E o Homem como entidade subjetiva e sujeito de conhecimento superior a todas as outras formas de vida, logo podendo transformá-las ao seu bel prazer.

Essa ideia de humanidade, que considero aqui totalmente ultrapassada, e que deixa grandes feridas e doenças no corpo de Gaia, ainda está em vigor com a paranoia da domesticação. A vida não deve, e em grande medida, não pode ser domesticada pelos

seres humanos. O quadro sugere essa síntese terrível. Me desculpe a possível simplificação e não simplicidade dado a complexidade de todas as relações humanas: o Ser Humano Europeu ou de descendência direta deles governa a vida e mantém as estruturas de poder e controle social, a colonização de mentes, corpos e territórios, do poder econômico, da produção, do sistema financeiro e por aí vai. A Natureza é vista como algo a ser domesticado, admitida em zoológicos, onde animais como a magnífica onça pintada, o jaguar, o mais forte dos animais caçadores da América do Sul, estão enjaulados em um lugar pequeno e opressor. Ainda temos que conviver com a máxima de que eles foram resgatados e que ali é a única garantia de sobrevivência. Pode até ser! Ocorre que isso não impede a reflexão sobre a triste realidade da domesticação dos animais em zoológicos e esse ser o único espaço destinado aos grandes animais, porque as florestas devem ser derrubadas para a monocultura ou pastos para animais de corte. Reconheço que muito já se tem avançado nesse campo, contudo o reconhecimento desses animais e de seus territórios de origem como Sujeitos de Direito garantiria que a existência desses biomas e das florestas seja respeitada e os animais possam ocupar seus territórios. Penso que o Direito deles serem livres, e sim serem, deve ser garantido por Lei. O direito dos animais e da vida dos ecossistemas de serem selvagens e não domesticados deve ser algo a ser alcançado e que esses espaços também possam ser divididos com os Seres Humanos que se aliam a eles. A ideia de que a natureza para ser preservada deve estar separada dos humanos é muito perigosa e cruel, tendo em vista que existem os povos originários que são verdadeiros guardiões da biodiversidade do planeta.

O Antropocentrismo coloca a humanidade como medida de todas as coisas e nessa situação a opressão reside no fato dessa humanidade, que é sim localizada no tempo e espaço e na busca pela ordem e pelo progresso, querer colonizar o restante das outras humanidades em outros territórios e biomas. Nessa perspectiva, não existe os pontos de vista e sabedoria dos rios, da mata e dos animais. Esse antropocentrismo cruel e violento não sabe escutar o que os rios têm a dizer e a fala das flores e das árvores. Esse antropocentrismo é cego e surdo para as infinitas linguagens existentes.

Concordo aqui com Eduardo Viveiros de Castro e Débora Danowski (2017, p.101) quando dizem que o princípio antropomórfico encontrado em muitas sociedades amazônicas é:

*Uma inversão irônica completa (dialética?) do antropocentrismo. Dizer que tudo é humano é dizer que os humanos não são uma espécie especial, em evento excepcional que veio irromper magnífica ou tragicamente a trajetória monótona da matéria do universo. O Antropocentrismo, inversamente, faz dos humanos uma espécie animal dotada de um suplemento transfigurador; ele os toma por seres atravessados pela transcendência como se por uma flecha sobrenatural, marcados por um estigma, uma abertura ou uma falta privilegiada que os distingue indelevelmente no seio -no centro- da natureza.*

Penso como essa ideia de que tudo possui características humanas pode fazer com que nós, que fomos educados por uma escola que pretendia nos ocidentalizar,

possamos ampliar nossas capacidades de sentir e pensar e entender que é fundamental adentrarmos com todo respeito a essas sabedorias ancestrais que sabiam ensinar as pessoas a conversar com a vida e com a natureza presente em seu território. E isso não apenas porque todos vamos sofrer e muitos já estão sofrendo com a crise Climática, com a poluição dos ares, dos solos, rios e oceanos o que nos ensinará a força que o futuro é ancestral. Esse conhecimento pode nos sintonizar com a vida de todos os seres e fazer com que nós humanos de todas as culturas que adotaram o processo civilizatório colonial, patriarcal e capitalista possamos aprender agora a ser pessoa-natureza, a nos reconhecer como povo de Gaia ou Povo de Pachamama.

David Kopenawa e Bruce Albert (2010), no livro *A Queda do Céu*, dizem que, no início dos tempos, a humanidade era fraca porque ela se metamorfoseava. O corpo humano se fortaleceu e agora se mantém em sua humanidade, reconhecendo que muitos animais foram seus ancestrais humanos também. Assim, os diferentes povos que habitam a floresta têm direito de viverem e prosperarem, pois a floresta é casa de muitos seres para além dos humanos e assim deve ser para que o Céu não caia em nossas cabeças.

Infelizmente o que se viu em quatro anos de governo do ex-presidente do Brasil Jair Bolsonaro (2019 a 2023) foi um total desrespeito com os povos indígenas e um projeto genocida contra o povo indígena Yanomami, que vive no território de Roraima, Amazonas e parte da Venezuela. É fundamental que o Brasil crie e estabeleça políticas de reparação histórica e mitigação de danos causados por séculos de colonização. Sempre converso com os estudantes da escola em que trabalho sobre o fato de que, por muitos anos, não estudávamos, com profundidade, afeto e respeito as culturas indígenas, não existia um projeto de Educação decolonial e contra colonizadora.

Em 2023 tivemos o primeiro Ministério dos Povos Indígenas da história do Brasil e foi efetivo o apoio que o atual governo do presidente Luís Inácio Lula da Silva, reeleito no ano de 2022, garantiu ao povo Yanomami. Ainda assim tem muito trabalho de reparação histórica para fazer e enfrentar um congresso conservador e que defende com afinco a lógica do agronegócio, o garimpo, a utilização de combustíveis fósseis, a monocultura. A ideia de progresso tendo o ser humano do gênero masculino e branco como grande domesticador do mundo é uma tarefa que precisa ser realizada com seriedade e sem ingenuidade.

Toda ação política tem suas dimensões de significado para a noção de pessoa humana, para o sentido da vida no universo e no cosmo. O que sustenta a mentalidade e cosmovisão negacionista e predatória de mundo é que mata rios, que muda o corpo de Gaia ao bel prazer, estupra a terra todos os dias com suas máquinas de devastação e desmatamento. O entendimento de que a vida em todas as dimensões físicas não é sagrada e que não existem seres espirituais que a sustentam cria todo um sistema de pensamento em que podemos fazer uso indiscriminado de recursos naturais, predando e modificando tudo. Todas as produções de energia fóssil, garimpo, desmatamento, poluição e acidificação dos oceanos, poluição dos rios, uso de combustíveis fósseis, sustentando a lógica predatória da ocupação de Gaia com o consumismo desenfreado e esquizofrênico, fazem com que o desenvolvimento econômico defendido pelas

elites estruture a identidade humana de modo que não seja permitido que possamos compreender a fundamental importância de toda vida vegetal, animal e humana e que possam ser reconhecidas em sua importância existencial por si mesmas e interconectadas e como sujeitos de direito.

Ailton Krenak (2022) nos diz que o futuro é ancestral. Na obra intitulada *Futuro Ancestral*, nos alerta de modo brilhante e ao mesmo tempo joga como um raio em nossas cabeças quando fala sobre as consequências de tanta destruição do planeta e que precisaremos aprender a ser e viver como muitos povos indígenas vivem. Esse lidar com a natureza, aprendido durante milhares de anos, garante a vida de muita gente sem a dependência de toda parafernália tecnológica. Aqui deixo claro que não vejo os povos originários apenas na perspectiva do passado, mas de hoje, do agora, essa temporalidade contemporânea em que devemos aprender com a diversidade cultural, respirar e cantar.

Teve uma época em que nos quintais havia remédios e comidas. As pessoas tinham alguma autonomia para viverem suas vidas. Claro que essa autonomia para criar, fazer e manter suas vidas exigia muito de sua corporalidade e tempo. Contudo o extremo de dependência que vivemos hoje cria corpos psiquicamente frágeis e muscularmente deficitários. Eu gosto de educar para a vida e para isto precisamos, sim, ser fortes. Ter a mente, o corpo e as emoções fortalecidas para sustentar nosso equilíbrio.

Educar para a vida é importante. Educar para saber viver, é preciso saber viver e fluir na capacidade de criar bons momentos. E viver a vida ampliando nossa capacidade de conexão com todos os seres, percebendo o que nos une na beleza da diversidade. E o que nos une é a vida. É essa beleza de DNA que permite experimentarmos as *dores e as delícias de ser o que é*<sup>6</sup>. De ser uma família, um povo e uma espécie. Em muitas conversas com amigos e amigas sempre o tema é como transcender o sofrimento e os limites humanos para reconhecer a potência divina e a unidade com a inteligência criadora de tudo o que há. Essa é uma conversa longa que não cabe na materialidade desse manifesto. O que cabe aqui é dizer que estar encarnada neste planeta terra, viver aqui em Gaia é um presente para que eu possa aprender sobre a simplicidade e a conexão com a mente cósmica. Nesse caminho entre narrativas e conversas, entre passos, abraços e experiências fica cada vez nítido o entendimento da terra-território que compõe a identidade e as explicações que dão sentido à vida das pessoas. São ideias que vão dando forma à vida e formas que vão dando vida às ideias. Explicações que vêm da Jiboia, ensinamentos que nos são ofertados pelas plantas e pelos sonhos. Ensinamentos que vêm do contato direto com seres que falam de outras paragens? E minhas perguntas continuam. Como educar seres humanos a partir de outras paragens? Como compartilhar conhecimento que faz abrir corações e mentes para a poesia da vida e a natureza verdadeira dos seres? E a partir dessa abertura vivermos a conexão com a mente criativa e criadora. Como educar pessoas natureza que serão os regenerantes de Gaia e aprenderão a escutar e ver os ensinamentos que a natureza nos dá? Como

---

<sup>6</sup> Verso que está na música Dom de Iludir, composição de Caetano Veloso (1942- ), álbum Totalmente Demais de 1986.

educar esses novos seres que farão de sua existência aqui na terra um lugar de prazer em aprender a Ser? Como estar em um lugar, território de aprendizagem e educar pela liberdade e pelo prazer de estar vivo, abandonando as ideias de que viver aqui é sempre sobre sofrer e aprender pelo sofrimento, pela repressão, pelo medo e pela ideologia de guerra? Acredito que territorializar as ideias e os corpos é sempre um bom começo, pois assim foi para mim. De que humanidade e significações de mundo estou falando? De quem estou falando? De quais narrativas cosmológicas estou falando? De que lugar de fala e de direito? De quais leituras e a partir de quais músicas e conversas estou falando?

Aos seres humanos é reconhecido o título de entidade de importância superior e podem assim acionar seus direitos de propriedade privada, a Humanidade se tornou uma entidade de consumo. Enquanto uns podem ser donos de ilhas e viver em uma dimensão de riqueza da qual não têm ideia de como é (podemos perceber um pouco dessa riqueza através das redes sociais), outras tantas pessoas estão na miséria e sofrem as consequências da grave crise ambiental que estamos passando. E isso é inaceitável!

Como então participar ativamente na defesa de Gaia? Com certeza, este artigo manifesto já está atrasado. Acordamos um pouco mais perto das Mudanças Climáticas e do Aquecimento Global a cada manhã e vamos dormir mais perto do desequilíbrio. Podemos nos entregar aos problemas emocionais e mentais diante dessa realidade. Acredito que não é possível. Devemos cuidar das crianças, jovens e idosos nos movendo em direção a recriar e cocriar novas relações entre nós e com o planeta, de nós a vida exige a cura de nossos medos.

Precisamos urgentemente aprender com a natureza como regenerar biomas, rios e nós mesmos. É vital aprendermos sobre equilíbrio. Criar toda uma estrutura política, social e econômica para evitar ou diminuir as consequências das Mudanças Climáticas. Cada instituição, esfera ou classe social deve fazer sua parte. E eu como arte-educadora penso a todo momento em qual é a minha parte.

Educando os *Terranos* como os filhos pertencentes ao corpo atmosférico de Gaia podemos ampliar o entendimento de que todos os seres vivos possuem dimensão humana, no que se refere a capacidade de pensar, sentir, ter conhecimento e dimensão estética da existência. Assim tiramos do centro de tudo a ideia de que a humanidade é a única espécie dotada de intelecto e cultura, dando-lhe o direito de conquistar, colonizar mentes, corpos e territórios. São tantos os cientistas que, hoje em dia, ampliam os horizontes das ciências e pesquisam sobre o canto das baleias, dos golfinhos, dos pássaros e de tantos outros animais. Isso é um grande avanço. Mas como dizem os Ashaninka: *Só agora vocês brancos descobriram isso?* O povo Ashaninka vive na Floresta Amazônica brasileira e peruana.

A Educação Terrana propõe que possamos estudar a vida em Gaia a partir da perspectiva dos seres Terranos, os quais, como parte de um sistema que busca a autorregulação e o equilíbrio, aprendem com James Lovelock e Lynn Margulius (2006) na Hipótese Gaia, e passam a se identificar mais com possibilidades da expressão da vida e se colocam em defesa da biodiversidade e não como um exército de extinção de outras formas de vida. Quero dizer especificamente que para ser gente precisamos sim

compreender que não podemos modelar e domesticar toda vida de Gaia. Toda expressão de vida tem sua perspectiva de conhecimento e importância. Acredito que somente assim podemos desenvolver uma sociedade verdadeiramente sustentável, em que as trocas feitas entre os Terranos sejam também inspiradas nas perspectivas de autorregulação e equilíbrio. E que sejam livres de processos de colonização de mentes e corpos.

Em tempos de avanços tecnológicos significativos e revolucionários, em que a Inteligência Artificial (IA) ocupa cada vez mais espaço no conjunto de nossas relações interpessoais como podemos garantir que a tecnologia nos apresente o multiverso, as viagens espaciais, a realidade virtual e nos auxilie na regeneração de Gaia? Ainda não temos conhecimento acerca do impacto ambiental dos *Data Centers*<sup>7</sup> no planeta, nem sobre os impactos cognitivos consequentes do uso intensivo da IA. Os avanços tecnológicos são importantíssimos. Neste manifesto defendo que igualmente importante é a regeneração do corpo de Gaia e a vida selvagem e livre para os animais, rios, mares e florestas.

Acredito que educando os estudantes para uma Ética da Floresticidade é um caminho. Precisamos devolver à floresta o máximo possível nos espaços das cidades. Falo sobre educar crianças desde a Educação Infantil ao 9º ano do Ensino Fundamental, adolescentes até o 3º ano do Ensino Médio e jovens universitários para que possam atuar como agentes regenerantes de Gaia em qualquer área de trabalho. Penso que é urgente em todos as escolas e cursos universitários o tema natureza e cultura, decrescimento, ética ecológica, vida interdependente, biodiversidade e diversidade. Me manifesto para que em todos esses momentos de experiências educativas sejamos convocados ao estudo do meio ambiente que estamos inseridos, bem como criarmos uma mentalidade em que a Terra e toda vida nela seja considerada Sujeito de Direito.

Porque a insistência em modelos de ser que uniformizam, se sabemos que a diversidade é a maior riqueza da expressão da vida. Educar para a compreensão dos efeitos terríveis que a lógica moderna mecanicista, os desenvolvimentos industrial e tecnológico aliados a visões de mundo predatórias e que visam apenas o lucro de poucos em detrimento da pobreza de muitos traz de sofrimento. Faz-se necessário educar seres humanos conectados com a potência criadora e criativa que somos. Compreender que somos natureza e somos seres interdependentes contribui para vivermos na perspectiva da paz e da inteligência do amor.

Educar para se entender o funcionamento da sociedade capitalista, em que a dinâmica da produção, distribuição, consumo e descarte destrói consideravelmente o planeta Terra é fundamental para que possamos decidir quais caminhos queremos seguir. Fazer uma análise crítica de como essa estrutura funciona levará a humanidade a reconhecer a necessidade imediata de mudarmos nossas mentes e gerar novas ações. E são nas novas ações e no que precisa ser feito que devemos manter a atenção. Mentes focadas nas soluções. As novas ações serão orientadas por uma nova mentalidade e por

---

<sup>6</sup> *Data Centers* são espaços físicos que abrigam todos os recursos computacionais que sustentam a rede de internet e comunicação.

uma subjetividade conectada com a vida nos territórios. Por isso me manifesto a favor de que toda rede de Ensino, desde a Educação Infantil até a Pós-Graduação, ofereça em suas ementas o Estudo da Educação Ambiental Crítica e referenciada pela educação das relações étnico-raciais, precisamos sim construir Cidades Sustentáveis, garantir que a Floresta fique em pé e que todos os ecossistemas prosperem em equilíbrio e vida. Precisamos criar a Floresticidade, como ensina Ailton Krenak.

Educação Terrana é uma orientação metodológica para educar os Regenerantes de Gaia. Aprendi sobre ser Regenerante de Gaia com o Professor Fábio Rubio Scarano. Segundo ele, “Gaia é a agente do milênio. É o ponto de encontro para diferentes cosmovisões e saberes que, juntos podem auxiliar o planeta a resolver problemas práticos e existenciais” (Scarano, 2019, p. 19). Aprendo com ele e com os povos originários daqui deste território que Gaia, claro, recebe vários nomes diferentes, é consciência, transcendência e regeneração. Podemos aprender com Gaia a nos regenerar também, a vivermos a consciência de que somos natureza e a transcender a vida com a busca pela beleza das infinitas possibilidades de estados de ser.

E, para tanto, é necessário refletirmos sobre a noção de pessoa e o conceito de humanidade. O Antropoceno é uma época histórica e geológica, esse termo foi criado por Crutzen e Stoermer no ano 2000; representa as mudanças radicais que a humanidade criou no planeta com sua lógica de que a vida natural é apenas recurso para obter lucro e recriar a vida o mais distante possível de uma identificação com ela própria e com os animais. O Antropoceno representa uma era em que a atividade humana causou impactos terríveis sobre a estrutura do planeta e põe em risco nossa própria existência e a de milhares de seres. Essas ideias e ações provocaram feridas profundas e de difícil cicatrização no corpo de Gaia e em toda a biodiversidade que a compõe.

As feridas de Gaia também representam feridas profundas em nossa saúde física e psíquica. Estamos diante da realidade de cataclismas em escala global decorrentes das mudanças climáticas com o aumento da temperatura do planeta. Diante desse quadro, quais ideias e ações são urgentes? Quais orientações filosóficas e Diretrizes Curriculares são urgentes para a Educação no Brasil?

É urgente que as políticas de Estado estejam dialogando com os mais avançados estudos sobre as mudanças climáticas e como podemos reverter esse quadro; se não reverter ao menos impedir que ele se agrave tanto. No caso do Brasil as políticas públicas ambientais de zerar o desmatamento na Amazônia e em todos os outros Biomas precisam ser de conhecimento de toda população e estudadas nas escolas. Um projeto seríssimo de reflorestamento e agrofloresta para produção de alimentos, incentivos a investimentos em Economia Verde, despoluição de rios e mares, a mudança da lógica energética de combustíveis fósseis para fontes de energia limpas como aeólica, solar e as vastas possibilidades de obter energia elétrica de diferentes tipos de resíduos. A demarcação das terras indígenas, quilombolas e de ribeirinhos também é de fundamental importância, pois já é certo o quanto essas culturas são aliadas na preservação das florestas e nos processos de reflorestamento.

E as escolas brasileiras? E a Educação como pode e deve contribuir para a

manutenção do equilíbrio climático? Sabemos que nesse momento é fundamental que os adultos tomem as atitudes necessárias, que os adultos saibam votar e escolher seus governantes, que os adultos tenham hábitos de consumo conscientes e que saibam lidar com as ações individuais e a crítica a conglomerados que lançam toneladas de produtos diariamente e sabem contratar as melhores agências de publicidade para vendê-los. Voltando a Educação, penso que educar os regenerantes de Gaia é um caminho para forjar subjetividades e programas de crenças que sustentem seus sonhos, objetivos e ações que tenham a relação vida humana/Terrana, natureza, relações de trabalho, consumo e inovações tendo como centro a ideia de sustentabilidade criando modelos econômicos de ajuda mútua, fazendo circular em mais mãos tanta riqueza existente.

Proponho que todas as escolas tenham em seu currículo anual um trabalho de estudo do meio ambiente da sua cidade, seja na área urbana ou rural. Um trabalho sério de pesquisa das águas e de todo sistema hídrico, conhecendo os principais mananciais de captação de água e seus afluentes, os aquíferos, poços artesianos, conhecer a flora, a fauna e o ecossistemas que habitam, também o clima de sua cidade. Desde crianças esses conhecimentos devem ter uma base sólida de formação, para que, anualmente, os estudantes possam desenvolver projetos de pesquisa nessa área e crescerem tendo consciência do espaço/território/vida natural em que vivem. Então chegando ao Ensino Fundamental, segunda fase, possam ter cada vez mais consciência de sua relação com a vida e com o corpo de Gaia que fazemos parte, tendo como foco de pesquisa as linguagens científicas relacionadas com o todo integrado da vida. Chegando ao Ensino Médio os estudantes podem propor um projeto de pesquisa e ação para desenvolver ideias que contribuam com a defesa de Gaia e a criação de uma sociedade sustentável. Neste momento nosso foco está nas consequências das mudanças climáticas e no que a Educação pode fazer a respeito. Pra mim todas as escolas públicas e privadas de todas Prefeituras, Estados ou Federação deveriam manter e atualizar constantemente um estudo sério do meio ambiente de suas cidades. Fazer um estudo, desde as séries iniciais, da Fauna, da Flora, do Clima, do Solo e das Comunidades originárias, para que a partir da infância exista a mentalidade da conexão com Gaia e com a parte do corpo de Gaia que habitamos. Uma Educação verdadeiramente libertadora e em conexão com o meio ambiente é realizada quando começamos pelo nosso chão, pela nossa história, pela história da ocupação das Florestas e campos que, como ensinam os povos originários, são nossos ancestrais.

A proposta estética e ecopolítica *Educação Terrana* é uma orientação radical, pois junto com a alfabetização da língua portuguesa, do mundo das imagens, das relações políticas, de todos os campos da ciência a que estamos submetidos é fundamental aprendermos as linguagens da vida da natureza e sabermos que fazemos parte dela. Não podemos aceitar como normal que os estudantes não conheçam o bioma em que nasceram e estão inseridos, o ecossistema que compõe sua cidade, a bacia hidrográfica de sua cidade, os nomes dos rios, mananciais e afluentes de sua cidade, a fauna e a flora de seu lugar. Como professora da rede municipal de ensino da cidade de Araraquara, interior do estado de São Paulo, confirmo diariamente a total falta de conexão com a

vida das águas, da fauna e da flora da nossa cidade pela maioria absoluta dos/das estudantes do Ensino Fundamental, primeira e segunda fases. Se eu não conheço, não consigo fazer as conexões necessárias comigo e com toda a vida natural do território em que eu estou inserido/a. Como eu posso me tornar um/a defensor dos direitos ambientais, como posso escolher os candidatos que estão defendendo pautas de direito ambiental e desenvolvimento sustentável e agir como alguém que procure criar no mínimo um quintal com remédios, alimentos e flores?

Esse analfabetismo sobre a natureza demonstra como as pessoas que vivem no mundo urbano estão em total desconexão com a vida do planeta. A maioria de nós não vive mais em sintonia com quintais e com a vida em ambientes rurais. Essa falta de contato gera a falta de conexão. Nós Educadores devemos atuar com comprometimento crítico e criativo para trazer o conhecimento de que somos natureza pois, mais de 70 % do nosso corpo é água, o oxigênio circula em nossas células e os sais minerais são parte integrante de nosso corpo físico. Precisamos dos sais minerais que encontramos no solo, precisamos de sol para crescermos e nos desenvolvermos, precisamos de alimentos que vêm da terra para termos saúde, somos seres Terranos e pertencemos à Terra, ela não nos pertence. O discurso político e econômico que ainda está no poder diz que a terra nos pertence. Esse pensamento nos coloca em uma posição de dominadores e a Terra como fonte de recursos naturais para a criação e manutenção de um estilo de vida e de consumo em que a lógica sempre é da transformação constante da natureza e do corpo de Gaia.

Aprendi com Pierre Weil (1924-2008) que a paz é com a gente mesmo, com a sociedade e com a natureza. Concordo com esses princípios e com a proposta de Paulo Freire (1967-1992), que nos educamos uns com os outros e com o mundo. Seguindo essas orientações aprendi que educamos em processo de encontro e do *esperançar* uns com os outros, reconhecendo e interpretando criticamente as realidades da luta para distribuir a riqueza material e espiritual também procuramos a paz que normose destrói. Normose, conceito de Pierre Weil é um conjunto de práticas humanas que consideramos "normais", mas que na verdade são processos de total desconexão com a essência da vida, a separação entre natureza e cultura é uma normose, algo completamente equivocado, causador de doenças e desequilíbrios físicos e psíquicos.

Precisamos nos educar a partir da perspectiva de Gaia, aprender sobre o Bem Viver com os povos originários, quilombolas e afrodescendentes para então, com o entendimento integrado, possamos ser todos agentes e sujeitos regenerantes dos biomas e ecossistemas. Compreendo como entendimento integrado as ideias, as quais não são novas, são ancestrais, de que a vida na Biosfera da Terra está interligada em redes de interdependência e conexões espirituais, físicas e emocionais. Educar na perspectiva de Gaia é criar beleza e abundância. Resistir sendo poesia é reexistir em força e potência de vida e beleza. É apresentar possibilidades de agirmos como pessoas, em prontidão, para fazer o reflorestamento de mentes, corações e da terra.

As instituições são feitas a partir do trabalho e da visão das pessoas, assim os Terranos, em sua jornada, seguirão seus sonhos de trabalho sabendo que a vida de Gaia deve sim ser o centro de seus projetos pessoais.

Neste manifesto o conceito de humano é questionado e destituído de seu significado, o renomeamos para seres Terranos. Licença poética que uso para desconstruir padrões de entendimento. Somos nós os seres que precisamos lidar com o aquecimento global, com a poluição das águas, com a poluição da atmosfera e toda espécie de extinção de vida. Os seres humanos brancos e representantes do patriarcado tentam a todo custo manter suas visões de mundo. Acontece que as ideias de que somos separados da vida, que existe separação entre natureza e cultura são um equívoco. Todas essas ideias justificam o direito de domínio do ser humano sobre todas as outras espécies e sobre o corpo de Gaia.

O ser humano branco europeu colonizador de tantos territórios não pode mais determinar leis e se valer da força por se considerar a medida de todas as coisas, não somos as únicas espécies criadoras de belezas e movimentos. A busca pela diferenciação do ser humano da natureza e de nossa condição de animais é um atraso epistêmico e uma ação obsoleta. Ao deixarmos de ser humanos para ser terranos, nos compreendemos como filhos de Gaia, pertencemos a Gaia. A gente Terrana se reconhece nos animais, nos pássaros, nas montanhas, nas árvores e florestas, nas águas e na atmosfera. A gente Terrana defende a ideia de que todos os seres são criadores de arte. E a biodiversidade também representa a diversidade de linguagens estéticas. Criadores de múltiplas perspectivas de arte. A gente Terrana compreende que a estética também precisa se livrar do antropocentrismo. Somos sujeitos e seres artísticos, pois a vida e o viver é uma potente experimentação artística individual e coletiva. E assim sendo somos a potência revolucionária da criação e expansão da consciência de ser arte.

*Educação e arte Terrana* é um caminho vivido para despertar o autoconhecimento em ritmo cadenciado e pulsante na unidade da experiência da vida biológica e na multiplicidade encantada de Gaia. Educar os regenerantes de Gaia é a proposta da Educação Terrana. Urgente é expandir as subjetividades para que possamos entender com todos os átomos e células que a vida não é útil (Krenak, 2020).

A Educação Terrana quer educar os plantadores de jardins, de hortas e florestas, de cuidadores e protetores das águas. É uma proposta estética e política para educarmos a partir da perspectiva de Gaia. A gente de Gaia é pessoa poética. É gente coletiva que busca também expandir a comunicação para com todos os seres vivos. Gente Terrana reconhece a imagem-alma de todos os seres vivos representantes de todos os reinos de Gaia.

Gente de Gaia sabe que a arte é uma linguagem Terrana e Cósmica. É cósmica porque somos terra e somos astrais, estamos orbitando no espaço sideral. Somos também chãos políticos e poéticos. Os seres Terranos são preenchidos e sustentados por ideias que despertam seus sentidos e cognição para a lírica do DNA; sabem que a separação entre natureza e cultura é um equívoco. E querem ser livres, selvagens, celebrativos e diversos.

No palco da vida, no corpo de Gaia, vamos caminhar com suavidade como nos ensina Ailton Krenak e vamos nos entregar aos movimentos selvagens, os quais representam a liberdade para sermos seres do século XXI, sabendo que o futuro é ancestral (Krenak, 2022). Selvagens e livres das amarras do colonialismo e seu humanismo cruel e sádico. Selvagem para ser arte e ancestral para ser conexão com Gaia. Ser selvagem para

aprender a nos sintonizar com a inteligência de Gaia.

A Educação Terrana propõe que possamos estudar para ser árvore, águas, rios, mares, pedras e minerais, pássaros e outros animais. Vestir simbolicamente as peles desses outros seres, para assim poder ver as relações com novos olhares e sob novas perspectivas, aprendermos com outros corpos e outras fontes de comunicação para expandir os horizontes. Algum desavisado poderia pensar que essas reflexões pertencem ao universo lúdico da infância, e essa seria uma crítica contundente para que a Educação Terrana não faça parte de nenhum currículo universitário. Eu digo que pode também ser a inspiração para fazer arte com criança, com certeza elas são abertas para a vivência em novos corpos e com outros corpos. A infância está aberta a experimentações. Meu intento é manter a infância acordada em nós, para nos mantermos abertos às possibilidades de aprendizados constantes, para sermos adultos conscientes e com vontade de viver.

Aqui defendo e me manifesto a favor de que possamos educar crianças e jovens para que sejam conscientes de que cada escolha a ser feita pode ser uma escolha em sintonia com a prática da sustentabilidade, seja uma startup ou uma pequena empresa, uma defesa dos Direitos da Terra, uma empresa ou criações artísticas, que todas elas estejam em sintonia com a defesa da vida, com a ideia de que a vida não é útil, como ensina Ailton Krenak. Garimpo representa a destruição da floresta e a morte de seus guardiões. De repente as pedras preciosas podem ser consideradas como parte do equilíbrio da vida e possam sim permanecer em seus lugares de origem. Os adultos precisam ter posicionamentos alinhados à defesa da vida para que possamos evitar consequências desastrosas que incidem sobre Gaia com o aquecimento global e as mudanças climáticas. Precisamos ser radicalmente livres e estarmos em conexão respeitosa com o feminino que gera vida.

Estudar para ser árvore tem sua dimensão poética, como ensina Manoel de Barros; e também sua dimensão política. Porque aprender a ser árvore é o passo a ser dado para aprender a ser floresta. Para vivermos a radicalidade dos seres Terranos, esses que já entendem que precisam curar em si as feridas causadas pelo capitalismo, pelo patriarcado, pelas extinções de tantos seres vivos, pela poluição das águas, dos ares e dos solos. Feridas causadas pela domesticação da natureza e pela ideia de civilização superior colocada a força, a ferro e fogo sobre outras culturas humanas, animais, vegetais e minerais. Estudar para ser árvore é uma tentativa de fluir com a Terra, expandir horizontes estelares, respeitar as pausas entre as metamorfoses, curar feridas e ter histórias das cicatrizes para contar. Estudar para ser árvore é política revolucionária para conexão com o ser aroeira. É política de entendimento e comunicação entre os seres que pertencem a Gaia. Expandir as subjetividades e a capacidade de entendimento é Educação Terrana.

Educadores Terranos trilham um caminho para se tornarem mestres de si mesmos. Eles sabem os desafios de perceberem o sorriso das flores e decidem retribuir. É um mestre do autoconhecimento e da linguagem artística do amor fraternal. Do amor Feminista, Indígena, Negro, Terrano e dos povos originários de todos os espaços, tempos, territórios de Gaia. É um amor que surge do chão. É a conexão pela força de atração com a poética da existência. É sobre contar e recontar histórias. É uma decisão de escolha. É

sobre ter possibilidade e consciência da escolha pela paz, pela ação de paz, pela ação de amor à vida.

Para viver a escolha pela paz, também é preciso antes entender toda lógica de guerra que estrutura a sociedade urbana e rural capitalista que se espalha por todos os cantos do mundo. É preciso estar consciente dos horrores do colonialismo, da escravidão dos povos africanos e indígenas e das consequências disso até hoje no Brasil. O colonialismo feriu as pessoas e a Terra. O capitalismo feriu pessoas humanas e não humanas e a Terra, o Antropocentrismo fere pessoas também e a todos as outras formas de vida existentes no planeta Terra. O que se mostra imprescindível no momento em que vivemos é romper com essas estruturas mentais e concretas de mercantilização da vida. É realmente necessário para impedirmos que a depressão, a ansiedade e o pânico – problemas gravíssimos que a humanidade enfrenta e continuará enfrentando-que as pessoas se conectem com a beleza, com o encanto que existe em cada átomo e célula, em cada molécula de carbono e em cada estrutura de DNA que dá forma a cada espécie de vida individual e coletiva.

Ser Terrano, significa ultrapassar os limites da humanidade e nos compreender como filhos e filhas da Terra, de Gaia e de Pachamama. E a partir dessa perspectiva deslocar o lugar de campeão que o humano sempre quis ter. Passaremos a viver nosso cotidiano, fazer nossas festas, planejar nossos projetos de vida e de futuro, pensar nas nossas famílias, isso inclui verdadeiramente todas as famílias, de todo tipo de composição a partir do paradigma de Gaia. Ou seja, ter em mente a todo momento a pergunta: essa ação, pensamento e emoção fazem bem pra a manutenção do equilíbrio do sistema integrado de Gaia?

Educadores Terranos compreendem Gaia como sujeito de Direitos e de Conhecimento. Os Terranos, filhos de Gaia, defendem que o Estado Brasileiro e todos os Estados do mundo façam criar novos modelos de envolvimento político, econômico e social com a realidade dos Direitos de Gaia para manter a vida plena e a saúde de seu etno-eco-sistema.

Nós humanidade, em um conjunto com todos os seres que habitam a Terra, seremos os Terranos: agentes de defesa da vida existente em Gaia. Tenho a utopia de que vamos conseguir garantir que Gaia seja reconhecida nos tribunais nacionais e internacionais como entidade sujeito de Direito. Paradigmas estruturam comportamentos e crenças, bem como orientam a organização e missões de instituições. A natureza deve ser reconhecida como entidade sujeito de direito para que os Terranos, filhos de Gaia e Pachamama, aprendam a linguagem da Terra e em cada pensamento sentimento e atitude possam cuidar, regenerar e fazer prosperar o planeta.

Educação Terrana orienta o conhecimento por meio de abordagens sistêmicas, artísticas e regenerativas. Tendo também como princípio o tema do movimento das mulheres indígenas de 2020 *Reflorestando mentes para a cura da Terra*. Educar a partir do paradigma da floresta é saber e entender o equilíbrio da diversidade que nos ensina a sensibilidade que nos aproxima da comunicação com toda vida vegetal, animal e mineral.

Tudo que respira vive, vibra e canta. Os seres Terranos aprenderão a ser gente natureza com os povos originários e proponho que, em nossas aulas com as linguagens artísticas, das

ciências humanas e da natureza e da filosofia, possamos conversar com a ideia de que somos seres Terranos e precisamos garantir a nossa sobrevivência, pois as consequências das catástrofes climáticas atingem a todos os povos, de todos os continentes.

Que tal aprendermos a ser aroeira? Que tal aprendermos a ser jasmim ou manjerição? Pode parecer apenas poesia aprendida com o gênio da sensibilidade Manoel de Barros, mas não é apenas metáfora. A proposta é unir, transpassar, atravessar, experimentar empatia, tornar-se outro para expandir a consciência de ser. Criar imagens mentais e emoções que sugerem que também podemos mudar de lugar poderia acalmar nossas mentes e vivermos em sintonia com a dança de Gaia no Sistema Solar e na Via Láctea. Ter o coração em sintonia com o coração de Gaia nos torna seres em conexão com propostas de conhecimento e trabalho também em sintonia com a defesa da vida.

A Educação Terrana é uma mistura entre as palavras científicas e filosóficas, entre a poesia e a lírica; entre o manifesto e a reportagem; entre o fractal e o prisma; entre a arte e a política. É um caminho de espiritualidade, poesia e metáforas. Sou Eu e somos nós conectadas com o coração de Gaia e o coração do Sol. É o despertar da natureza livre e Selvagem que há em nós. É a ação de revolta contra nossas mentes colonizadas e a busca pelas nossas raízes e histórias. É a busca pelo Bem Viver e o Teko Porã, que segundo Cristine Takuá (2018, p. 6)<sup>8</sup>, é “um conceito filosófico, político, social e espiritual que expressa exatamente essa grande Teia, onde vivemos em equilíbrio, respeito e harmonia; é a representação da boa maneira de ser e de viver”. E pela tradição filosófica Sul africana presente na língua Zulu e xhosa Ubuntu que significa *sou em sou porque somos todos nós*. É a escuta dos povos originários, dos quilombolas e dos povos tradicionais desse território. É o batismo da liberdade para que possamos ser quem nós somos em todas as dimensões da vida. É sobre defender o direito de todas e todos poderem se expressar e existir. E para isso precisamos ter um planeta! Precisamos ter condições materiais de vida e um território saudável.

É fundamental conhecermos a natureza e a vida do corpo de Gaia que vive, pulsa, respira e vibra desde o nosso local e escolher ser parte integrada desse território. Na maioria das vezes nos tornamos adultos e não identificamos nem o nome do manancial de captação de água da cidade e seus afluentes. Sendo parte integrada podemos nos conectar à unidade da vida presente no DNA e nas partículas de carbono apreciando as múltiplas e diversas combinações que resultam em tantas espécies de perspectivas de belezas. Proponho que os planos políticos pedagógicos proponham a conexão sentida pelos pés e mãos na terra, estabelecendo a sintonia fina entre nosso coração e o coração de Gaia. Somos natureza, somos a gente de Gaia, somos Terranos, assim é fundamental que nossos olhos voltem a enxergar essa conexão e nossos sentidos reconheçam essas experiências para assim sermos sujeitos do equilíbrio do planeta.

Instituições educacionais foram criadas desde a concepção da arquitetura até os livros oficiais para dar forma a corpos/mentes que seguem o ideal civilizatório branco e ocidental, sustentando uma subjetividade que dá sentido a sociedades de guerra, de

---

<sup>8</sup> Cristine Takuá é indígena Maxakali coordenadora das Escolas Vivas.

competição, do capitalismo, da repressão, da ordem, do progresso e da especialização em desconexão com o sistema integrativo de Gaia. Dar um chão e respeitar o corpo coletivo cultural e o corpo individual faz parte de educarmos para que a programação de crenças sentidas e significadas seja revolucionariamente crítica para criar sistemas regenerativos e sustentáveis.

Professores Terranos praticam a busca constante pela criação de um método didático e filosófico para o seu trabalho e entendem o significado de amor próprio, autoconhecimento, responsabilidade social, cooperação, liberdade, democracia, cidadania, florestania, respeito e defesa da demarcação dos territórios dos povos originários, educação antirracista, educação para O Bem- Viver, Pedagogia das Encruzilhadas, pedagogia profana, Educação como prática da liberdade, Pedagogia Profunda, Pedagogia da Terra, Educação feminista, garantias de direitos das pessoas LGBTQIA+, Pedagogia Griot, pedagogia Waldorf, Montessori, Ana Mae Barbosa, Isabel Marques, Klauss Vianna e tantos outros caminhos já existentes. Procurem! Existe muito coisa boa escrita e vivida por aí! Me desculpo aqui por não citar seu trabalho, se você está lendo esse texto e tem uma prática sistêmica, regenerativa e revolucionária quero te conhecer.

Existem muitos caminhos para a Educação crítica e sensível, muito trabalho já tem sido realizado por pessoas conscientes das ações que são urgentes e fundamentais nesse momento da História de Gaia. Nós humanos, maioria esmagadora no que se refere a nossa capacidade de interferência no corpo de Gaia e na destruição da Biosfera, precisamos mesmo definir novos conceitos para dar significado a nossas ações de cada dia.

Todos os setores do Campo da Educação precisam olhar seriamente para as catástrofes climáticas que estão em curso desde a Revolução Industrial, do desenvolvimento tecnológico e agro-capitalista das monoculturas ao redor do mundo, da acidificação e poluição dos oceanos, da poluição dos rios de água doce com mercúrio, agrotóxicos, erosões e destruição de matas ciliares, poluição do ar com dióxido de carbono e tantos outros poluentes vindos do uso de combustível fóssil, do desmatamento das florestas, das plantas e animais invasores, da lógica industrial da produção de carne e alimentos transgênicos. A questão cerne para que essas ações predatórias e suicidas é a ideia violenta e opressora de progresso e criação de uma sociedade racionalista que com a força de armas, leis e da ideia de um tipo específico de Deus ocupa terras e corpos devastando a biodiversidade e instalando uma monocultura de ideias, sentimentos, práticas e vidas que precisam ser domesticadas.

Entender esses processos é fundamental para iniciarmos os estudantes na incorporação de um novo conceito de humanidade. Ser Terrano significa estar a favor da biodiversidade das florestas, dos corpos, das ideias e ações. O ser e estar no chão de sua cultura e sociedade pode representar possibilidades infinitas de criação e recriação da vida. O que importa é conseguirmos que Gaia recupere o equilíbrio e que todos nós, bichos, gentes de todo tipo, tempo e cultura, plantas e tudo mais possa existir em sua humanidade possível e seja considerada vida pulsante, regenerativa e espiritual.

Terra Gaia é um ser inteligente que se autorregula e cria condições para que a vida aconteça. Logo tem direito absoluto a vida. Terra Gaia deve ser compreendida pela

sociedade e pela Constituição Brasileira como Sujeito de Direito. Equador e Bolívia já reconhecem os Direitos de Pachamama.

Com esse manifesto simples, sigo procurando as significâncias para minha atuação como arte-educadora. Nesse fazer fui me tornando quem sou hoje. Nesse processo de aprender a ser educadora fui me conhecendo também e decidindo quem eu queria ser. Porque conviver com crianças e ter a gigantesca responsabilidade de educar sem traumatizar requer de nós adultos grande dose de coragem, pois temos que olhar diariamente para nossas crianças interiores, muitas vezes feridas e aterrorizadas e aprender centrar e equilibrar nossas emoções para que elas se sintam seguras para superar medos e desafios. Fazer com que as crianças se sintam seguras para expressar quem são é a primeira etapa para que a beleza da existência possa se apresentar e abre caminho para que seja feita a apresentação das narrativas de mundos.

Como criar um espaço tempo de aprendizagem em que a experiência de sentir prazer de viver e ser livre de dispositivos de repressão da potência dessa união com a beleza da vida aconteça? Deixo essa pergunta para o final dessa conversa, já convidamos você leitor para a próxima troca de experiências, pois a vida e o tempo não param de nos apresentar possibilidades de sermos e expressarmos a natureza do nosso Ser. E como diz um dos maiores nomes do RAP nacional, Emicida: É tudo pra ontem!

Defendo que todos os rios sejam reconhecidos como Sujeitos de Direito e possam ter seus direitos à vida plena e próspera garantidos pelas leis do Estado Brasileiro, nos níveis municipal, estadual e federal. Quando reconhecermos a biosfera como uma entidade viva em toda sua complexidade de relações e interdependências, como sabem os povos indígenas e afrodescendentes no Brasil, e criarmos uma jurisprudência para justificar ações radicais em sua defesa e proteção teremos avançado para o sentido mais amplo de Democracia. Quero o povo e a natureza no poder.

Na beira do rio minha mente se acalma  
E consigo escutar meu coração  
Perto da água minhas emoções seguem o fluxo da vida  
E quando livres me conectam com o oceano  
Que sou eu e você também

## Referências

BARROS, Manoel de. **Biblioteca Manoel de Barros [Coleção]**. São Paulo: LeYa, 2013.

CASTRO, Eduardo Viveiros de; DANOWSKI, Deborah. **Há mundos porvir?** Ensaio sobre medos e fins. São Paulo: Editora Isa, 2017.

CRUTZEN, P. J.; STOERMER, E. F. **The Anthropocene**. IGBP Global Change Newsletter, n.41, p.17-18, 2000.

DOM de Iludir. Interprete: Caetano Veloso. In TOTALMENTE Demais, Compositor Caetano Veloso. Rio de Janeiro: Verve, Polygran, Philips. 1986, 1 LP Vinil, faixa 11. Disponível em:

<https://discografia.discosdobrasil.com.br/discos/totalmente-demais>. Acesso em: 30 jan 2026.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia pra da esperança, um reencontro com a pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

KOPENAWA, Davi; BRUCE, Albert. **A queda do céu**: Palavras de um xamã Yanomami. Tradução de Beatriz Perrone-Moisés; prefácio de Eduardo Viveiros de Castro. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019

KRENAK, Ailton. **A vida não é útil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

KRENAK, Ailton. **Futuro Ancestral**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022

LOVELOCK, James. **A Vingança de Gaia**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2006.

LOVELOCK, James. **Gaia: Alerta Final**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2010.

PEQUENO Cidadão. ANTUNES, Arnaldo. Rosa Celeste. CD, 2009. São Paulo: Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Pequeno\\_Cidad%C3%A3o\\_\(%C3%A1lbum\\_de\\_Pequeno\\_Cidad%C3%A3o\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Pequeno_Cidad%C3%A3o_(%C3%A1lbum_de_Pequeno_Cidad%C3%A3o))

SCARANO, Fábio Rúbio. **Regenerantes de Gaia**. Rio de Janeiro: Dantes Editora, 2019

SEGREDOS Vegetais. MARQUES, Dércio. Brasil, Devil Discos. Catálogo DMCD 01, 1993, 1 CD (Relançamento). Disponível em: [https://nevesrecords.com.br/produtos/dercio-marques-segredos-vegetais-cd-1993-6loaw/?srsltid=AfmBOorl8jMQlxtgHRrY6pc-eaON3QpZgQWaBeZRn-66l836r\\_z-v1\\_h](https://nevesrecords.com.br/produtos/dercio-marques-segredos-vegetais-cd-1993-6loaw/?srsltid=AfmBOorl8jMQlxtgHRrY6pc-eaON3QpZgQWaBeZRn-66l836r_z-v1_h). Acesso em 30 jan 2026

TAKUÁ, Cristine. Teko Porã o sistema milenar educativo de equilíbrio. **Rebento**, São Paulo, n.9, p.5-8, dezembro de 2018.

WEIL, Pierre. **A arte de viver em paz, por uma nova consciência, por uma nova Educação**. São Paulo: Editora Gente, 1993.